

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA

Maria Cristina Dantas Pina
Emanuele da Silva Freitas
Wesley Santos de Matos

RESUMO:

O estudo em andamento pretende através de instrumentos da pesquisa-participante e do método histórico proposto por Jörn Rüsen analisar os diferentes tipos de narrativas históricas dos estudantes de uma escola da rede municipal de ensino de Vitória da Conquista – Bahia. As narrativas históricas são a expressão concreta da consciência histórica sistematizada temporalmente. A grande questão norteadora é: “Quais narrativas históricas sobre as mulheres negras são produzidas pelos estudantes e de que forma essas narrativas podem demonstrar tipos de consciência histórica?” O recorte temático que será utilizado para essa análise são “As mulheres negras – escravas e libertas” que viveram tanto no Brasil Colonial quanto no Império. Essa temática foi proposta considerando que muitas dessas mulheres exerceram protagonismos na condução de suas trajetórias – estabelecendo redes de sociabilidades, comércios e diversas formas de resistência. Ademais procura-se compreender qual tipo de conhecimento acerca desse grupo mobiliza os alunos da educação básica. Essa análise possibilitará ao pesquisador a percepção das formas de apresentação do conhecimento histórico e a categorização da consciência histórica expressa. A análise desses dados servirá de apoio para o desenvolvimento de pesquisas futuras com vistas a um ensino de história mais reflexivo e significativo com base nas narrativas dos próprios estudantes. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que em relação aos seus objetivos pode ser caracterizada enquanto exploratória e descritiva.

Palavras-Chave: Aprendizagem Histórica; Educação Histórica; Cognição Histórica;

INTRODUÇÃO:

A expressão da consciência histórica através da narrativa histórica deve ser compreendida como muito além do que o simples ato de narrar. Pressupõe uma ação cognitiva e sistemática que evoca à interpretação do passado com vistas a uma orientação prática no presente e perspectivas de futuro. Segundo Cerri (2010, p.267) “Não podemos falar mais em ensino escolar de História como uma variável independente e capaz de equacionar sozinha a questão das aprendizagens históricas.”

Atualmente percebemos um número significativo de pesquisas oriundas de mestrados acadêmicos e profissionais que versam sobre a preocupação com a aprendizagem histórica,

entretanto, o foco ainda continua sendo o Ensino de História. Em sua grande maioria, esses estudos discorrem sobre o aprimoramento das técnicas de ensino, desenvolvimento de produtos educacionais, análises de materiais didáticos, documentos normativos e concepções de professores. A lacuna do estudo a ser desenvolvido está situado pois, na compreensão das formas de aprendizagem histórica dos estudantes a partir de uma categorização de suas próprias narrativas históricas. Dessa forma, pressupomos que a partir da compreensão e categorização dessas narrativas históricas, torna-se possível a problematização e possíveis propostas de ação com foco no Ensino de História.

Portanto, a pesquisa em andamento tem como objetivo analisar e interpretar os tipos de consciência histórica dos estudantes do 9º ano – a partir de suas narrativas históricas, em uma escola no município de Vitória da Conquista – Bahia. As narrativas históricas constituem a concretude da consciência histórica, “O saber histórico é constituído narrativamente. Essa constituição é-lhe essencial (Rüsen, 2015, p.81).” Para alcançar o objetivo proposto, escolhemos um objeto temático que será discutido e permitirá a análise das perspectivas dos participantes da pesquisa.

Estabelecemos como temática as mulheres negras (escravas e libertas) no Brasil Colonial e Imperial por compreendê-las enquanto agentes ativos durante o período da escravidão. Mulheres criadoras de estratégias que dinamizavam as relações no cativeiro e que, em alguns casos, dependendo das circunstâncias, serviam de ponte e apoio nos processos de manumissão, na transmissão de informações, no acúmulo de pecúlio e na teia de sociabilidades. Devido a dimensão temporal da escravidão no Brasil e os diversos aspectos que envolvem o tema, o recorte foi realizado considerando a importância de levantamento das discussões sobre este grupo estigmatizado pela cor e pelo sexo.

Para realização desta abordagem junto aos estudantes, a pesquisa em andamento ancora-se na Historiografia da Escravidão - pós década de 80. Os estudos desenvolvidos nesse contexto apresentam novas perspectivas sobre as fontes históricas e ampliação temática das discussões sobre o tema, resultando em estudos com análises que envolvem relações familiares no cativeiro, possibilidade de mobilidade econômica, distintas formas de resistência, negociações e conflitos. Entre os pioneiros nesse revirar de arquivos podemos destacar os estudos de João José Reis (1987) e de Sidney Chalhoub (1989). O diferencial nessas interpretações, refere-se à interpretação do escravo enquanto sujeito ativo e que

pensava estratégias de melhores condições de vida mesmo diante de um sistema perverso que tentava a todo custo desumanizar estes indivíduos.

Figueiredo (1993) reconhecia a agência das mulheres negras nas Minas do século XVIII, principalmente aquelas mulheres que praticavam atividades voltadas ao comércio. O autor, apesar de constatar a partir de fontes documentais a diversidade de atividades econômicas que estas estavam inseridas, argumenta que a pobreza vivenciada por esse grupo, seria um condicionante das atividades de prostituição – ideia que é problematizada pela historiografia posteriormente.

Slenes (1999) observou que esses estudos, naquele momento, em grande parte estavam voltados para as regiões de plantation do Sudeste, mas, é congruente reconhecendo os dados qualitativos apontados por eles, principalmente a compreensão de que a constituição de famílias, algumas inclusive extensas, incorporando pessoas não aparentadas, interessava aos escravos como parte de estratégia dentro do cativeiro. Para o autor, a formação de laços de parentesco é vista como resistência à política senhorial inserida na luta por espaços de autonomia no cativeiro.

O avançar das discussões revela através das documentações uma multiplicidade de relações escravistas. Relações múltiplas que passam a fazer parte de diversos trabalhos, demonstrando, sobretudo a possibilidade de “mobilidade”¹. Diversos casos de mobilidade passaram a ser tratados pela historiografia nesse momento, exemplo do caso de Barbara Gomes de Abreu e Lima analisada por Paiva (2001) e de Chica da Silva tratado por Furtado (2003). Negras que foram escravizadas tornaram-se libertas e traçaram estratégias para manutenção de suas vidas, seja dedicando-se ao comércio (até mesmo comércio de grandes distâncias), através de concubinatos ou na posse de vendinhas.

De posse dessas discussões historiográficas que irão compor a abordagem temática, buscaremos compreender o principal objeto da pesquisa em andamento: a consciência histórica dos estudantes. A Didática da História enquanto disciplina específica do campo da Educação Histórica proposta por Rüsen, estabelece o princípio do “interesse” enquanto um dos fatores que compõem o pensamento histórico. Esse princípio permite a análise da experiência histórica no tempo, ou seja, a relação de sentido estabelecida entre a História e a vida prática.

¹ Conceito de “mobilidade” adotado por Ferreira (2008) estava para além da categoria jurídica e correspondia ao movimento gradativo e geracional que tinha por objetivo a exclusão do passado escravo e se processava no âmbito familiar, ou seja, não estava relacionada a ascensão de apenas um indivíduo.

O postulado torna-se válido tanto para a historiografia acadêmica quanto para o pensamento histórico em geral. Segundo William Carlos Cipriani Barom (2017, p.166) os princípios que compõem o pensamento histórico estabelecido por Rüsen “refuta modelos de história que se proponham como atemporais, como verdades absolutas ou representações reais dos fatos.” Dessa forma, buscar-se-à compreender os sentidos expressos a partir das narrativas dos estudantes sobre a compreensão das mulheres negras escravas e libertas e as diferentes dinâmicas em que elas estavam envolvidas, sobretudo a partir das discussões embasadas por fontes históricas e argumentadas por meio da narrativa histórica.

A questão da perspectividade deve ser levada em consideração na apresentação narrativa do conhecimento histórico. A História tem duplo sentido, pois, a ação metódica de acesso ao passado por meio de fontes empíricas tem por objeto o tempo pretérito, entretanto, é movida por uma relação, uma significância com o presente (Rüsen,2015,p.80). Para que uma narrativa seja considerada uma narrativa histórica, torna-se necessário que ela articule as três dimensões temporais: passado, presente e futuro.

Compreende-se a importância da lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e se propõe a resgatar as contribuições do povo negro na história do Brasil. Contudo, a escola não está à parte da opressão racial, reproduzindo muitas vezes em suas práticas curriculares e em suas discussões um mundo em que negros e negras não tem contribuição alguma para esse processo.

Dessa forma, atrelando à importância da compreensão da consciência histórica dos estudantes e a pertinência da discussão sobre o tema, estabelecemos enquanto objetivo geral: A análise das narrativas históricas produzidas sobre a temática com vistas a traçar os tipos de consciência histórica dos estudantes e os sentidos atribuídos à temática pelos discentes. Os objetivos específicos foram traçados considerando-os enquanto um caminho condutor para alcance do objetivo geral, dessa forma, elencamos: a) Identificação do perfil dos estudantes a partir de questionários de sondagem b) Realização de aulas-oficinas e entrevistas com os estudantes para compreender se eles conseguem estabelecer relação passado-presente entre a temática estudada e seus espaços informais de aprendizagem c) Categorização das narrativas expressas pelos estudantes.

METODOLOGIA:

Para a seleção da escola em que realizaremos a pesquisa, realizamos uma consulta à Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista - Bahia e analisamos os dados de autodeclaração da avaliação do Sistema de Avaliação Baiano de Educação (SABE, 2024). Optamos pela escola de ensino fundamental (anos finais) com o maior número de alunos autodeclarados pretos e pardos no município. A partir desses dados, buscaremos compreender quais aspectos são mobilizados a partir da consciência histórica desses estudantes que acabam por refletir nessa autodeclaração.

Em relação às turmas, optamos pelo 9º ano do ensino fundamental (anos finais). Essa escolha foi feita considerando o Plano de Curso do Município elaborado pela Secretaria de Educação, o qual é organizado em torno de unidades temáticas e faz referência ao material didático História & Cidadania (Boulos Júnior, 2022). Por tratar-se de uma investigação de sondagem acerca dos conhecimentos que os estudantes já possuem, a escolha levou em consideração que essas turmas ao longo de suas trajetórias escolares já tenham estudado unidades temáticas que possuem como objeto de conhecimento o estudo dos povos africanos e o processo de escravidão. Além da observação nas aulas de História, estenderemos a participação também para as aulas da disciplina de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, considerando que embora os estudantes tenham passado por essas unidades temáticas, o conteúdo em si não se constitui mais como objeto de estudo do 9º ano e nesta disciplina tende a ser trabalhado de forma mais recorrente.

A partir dessa pesquisa, buscaremos compreender o sentido que os estudantes atribuem à temática mulheres negras (escravas e libertas), analisando os tipos de narrativas históricas expressas e como esse passado reflete nas suas vidas práticas, de forma a orientar seu presente e guiar suas ações para o futuro. Diante da tentativa de analisar aspectos subjetivos relacionados à aprendizagem, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa (Minayo, 2014, p. 57).

Metodologicamente, estamos ancorados no próprio método histórico proposto por Jörn Rüsen e utilizamos instrumentos da pesquisa-participante (Thiollent, 2003). O método histórico pressupõe a compreensão do pensamento histórico enquanto processo de pesquisa que tem como fundamento a própria Ciência da História. Dessa forma, características científicas do domínio da História são levadas em consideração em análises que envolvem o pensamento histórico, sendo elas: a heurística, a crítica e a interpretação, esses aspectos

servirão para a compreensão dos processos que envolvem esse procedimento cognitivo. O autor estabelece então o seguinte itinerário do pensamento histórico (Rusen, 2015 p.171):

Consiste em um procedimento cognitivo que começa com uma pergunta. Ele faz essa pergunta aos dados empíricos, nos quais o passado está presente; obtém desses dados informações sobre o que, onde, como e porque foi o caso no passado. Em seguida, organiza essas informações em um contexto de acontecimentos, que explica os acontecimentos particulares em sua sequência temporal. O final desse procedimento é aberto. Ele só se completa na representação narrativa desse contexto temporal [...]

Na fase exploratória da pesquisa, utilizaremos, como instrumento de produção de dados, um questionário de sondagem visando analisar o perfil dos estudantes, seus interesses pelo tema, o contato com a história dentro e fora da escola, autodeclaração, relação idade/série, entre outros dados que ajudarão o pesquisador a traçar o perfil da turma. No decorrer da permanência em campo, contaremos com o roteiro de observação participante, que será registrado pela pesquisadora a partir do convívio com as turmas e pela observação das falas dos estudantes. Este instrumento auxiliará na compreensão de aspectos minuciosos em relação ao grupo observado e direcionará a atenção do pesquisador para as discussões, situações e comportamentos que se apresentam no contexto escolar espontaneamente e que poderão ser sistematizadas e problematizadas posteriormente.

Utilizaremos também como instrumento de produção de dados, da aula-oficina conforme Isabel Barca (Barca, 2004) e entrevistas semiestruturadas (Bardin, 2016, p.93). As aulas-oficinas servirão como base para a seleção de alguns estudantes para a entrevista e auxiliarão o pesquisador a traçar um panorama geral da turma quando em contato com fontes históricas, com interpretações distintas sobre as fontes e também a compreender como os estudantes participam do processo de aprendizagem. Por fim, as entrevistas semi-estruturadas possibilitarão um contato com narrativas individuais dos estudantes selecionados para essa etapa. As narrativas históricas passarão pela análise de conteúdo, conforme Bardin (2016) e serão tratadas a partir da técnica proposta pela autora que consiste basicamente em: pré-análise com leitura flutuante do material da entrevista, exploração do material com vistas à categorização temática e tratamentos dos dados a partir da interpretação.

Devido ao tempo de realização da pesquisa e considerando as transcrições e interpretações das entrevistas semi-estruturadas, somente alguns estudantes de cada turma

serão selecionados para essa etapa da análise. Sendo assim, para escolha dos estudantes que irão participar da entrevista serão levados em conta alguns aspectos:

- 1) Aqueles (as) alunos (as) que expressamente se autoafirmem negros (as);
- 2) Aqueles (as) que demonstrem interesse pela temática;
- 3) Aqueles (as) que consigamos identificar a partir da aula-oficina e dos questionários que apresenta a consciência do tipo tradicional - o que possibilitará analisar os fundamentos cognitivos desse tipo de consciência;
- 4) Aqueles (as) que não demonstrem interesse pela temática, mas que tenha interesse em participar da entrevista.

Ressaltamos que essa pesquisa seguirá os preceitos éticos estabelecidos pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e respeitará a integridade e o bem-estar de todos os participantes envolvidos, assegurando-os o direito de desistirem da participação em qualquer momento e sem qualquer constrangimento. A participação dos estudantes na pesquisa ocorrerá de forma voluntária, bem como a aceitação do (a) professor(a) responsável pela disciplina em relação à observação participante da pesquisadora, e a intervenção proposta pela aula-oficina. Apenas a escola será identificada com autorização da direção escolar expressa em documento, os estudantes serão identificados com pseudônimos definidos à posteriori, o que garantirá o anonimato. O pesquisador somente iniciará a pesquisa após o retorno de todos os documentos indicados pelo referido Comitê, assinado pelos responsáveis e pelos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Os resultados empíricos esperados a partir da realização dessa pesquisa visam contribuir para a sistematização das variáveis que compõem a consciência histórica dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental (anos finais). Dessa forma, o pesquisador poderá traçar um amplo panorama de compreensão sobre a aprendizagem histórica dos estudantes no que tange o contexto escolar e extraescolar, principalmente através dos questionários e entrevistas. A análise fundamentada dos instrumentos como aulas-oficinas, roteiro de observação participante e entrevistas possibilitará a compreensão de aspectos relacionados à

aprendizagem histórica sistematizada pela escola – como exemplo, trato com as fontes e relação com a disciplina de História.

Levando em consideração os dados empíricos produzidos, poderemos então relacioná-los às discussões teóricas que embasam a pesquisa em andamento, principalmente com a grande referência dos estudos sobre Consciência Histórica, Jörn Rüsen (Rüsen, 2015). A partir da compreensão dos processos de aprendizagem histórica apontados pelos próprios estudantes – através de suas narrativas - torna-se possível pensar propostas de ação junto aos professores da educação básica com foco na aprendizagem histórica significativa.

CONCLUSÃO:

Esse estudo propõe a categorização da narrativa histórica de estudantes do 9º ano do ensino fundamental em uma escola no município de Vitória da Conquista-Bahia. Esse exercício categórico permitirá a análise dos tipos de consciência histórica do grupo pesquisado e a relação de sentido que estabelecem com a História. Trata-se de uma pesquisa em andamento que se encontra em fase de revisão da literatura sobre o tema e aprimoramento dos instrumentos de produção de dados. A partir da produção empírica dos dados na escola escolhida, buscaremos devolver à comunidade escolar os resultados esperados, de modo que esse estudo fundamente o Ensino de História a partir dos anseios dos próprios estudantes.

REFERÊNCIAS:

BARCA, Isabel. Aula-oficina: do projeto à avaliação. In: *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAROM, William Carlos Cipriani. Os principais conceitos da teoria da história de Jörn Rüsen: uma proposta didática de síntese. Albuquerque: *Revista de História*. Vol 9. nº18. jul.-dez. de 2017. p.160-192.

- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História Sociedade & Cidadania*: 9º ano: Ensino Fundamental: Anos Finais / Alfredo Boulos São Paulo: FTD, 2022. Júnior. -. 1. ed. –
- CERRI, Luis Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre história na prática. *Revista de História Regional*, vol. 15, p.264-278, 2010.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade*: Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. Companhia de bolso, 2011.
- FIGUEIREDO, Luciano. *O avesso da memória*: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. Rio de Janeiro: Edunb, 1993.
- FURTADO, JuniaFerreira. *Chica da Silva e o contratador de diamantes*. O outro lado do mito. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. 14ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- PAIVA, Eduardo. *Escravidão e universo cultural na colônia*: Minas Gerais, 1716-1789. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil*: a história do levante dos malês, 1835. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- RÜSEN, Jörn. *Teoria da História*: Uma teoria da história como ciência. Tradução de: Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: UFPR, 2015.
- SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava*: Brasil Sudeste, século XIX. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2011.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2003.